

ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Fabio Ricci

Programa de Pós-Graduação em Administração e Núcleo de Pesquisas Econômicas e Sociais da Universidade de Taubaté -PPGA/NUPES -UNITAU

RESUMO

Os pressupostos teóricos basearam-se nos efeitos de circularidade de MYRDAL e nos efeitos de encadeamento de HIRSCHMANN.

Mesmo durante a decadência da atividade cafeeira houve um fluxo de capital suficiente para a dinamização das atividades econômicas, especialmente nos municípios localizados no médio Vale.

O desenvolvimento inicial da indústria têxtil foi caracterizado pela proliferação de indústrias produtoras de artigos populares, passando algumas fábricas, no pós guerra, a produzirem artigos finos. Ao final da República Velha a região somava parcela ponderável da produção nacional.

Quanto às origens dos capitais, nas indústrias pioneiras, os capitais regionais foram majoritários, predominando os capitais de origem urbana. Ainda na primeira década do século XX os capitais vindos dos centros econômicos do país, filiais de empresas estrangeiras, assumiram o controle acionário das principais fábricas passando a industrialização têxtil regional a ser tributária daqueles centros. Posteriormente, os primeiros diretores técnicos, determinantes para o bom funcionamento das empresas, vindos de São Paulo ou do Rio de Janeiro, assumiram várias empresas.

Os industriais assumiram o lugar das antigas elites cafeeiras no plano econômico, político e social, ocupando vários cargos políticos, oferecendo assistência social e promovendo manifestações culturais urbanas.

Quanto à infra-estrutura, os incentivos fiscais, os meios de transporte (ferrovia) e a disponibilidade de mão-de-obra foram determinantes para a atração das atividades industriais. No entanto a região possuía deficiências, particularmente na oferta de energia elétrica.

Como desdobramento, vimos surgir na região atividades industriais para o seu suprimento. Com isso consolidam-se as perspectivas de desenvolvimento regional com base no setor industrial.

Palavras-chave: 1. Desenvolvimento Econômico; 2. Indústria Têxtil: Vale do Paraíba (São Paulo); 3. História Econômica; 4. História Regional.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir é um resumo da tese de doutorado defendida na FFLCH/USP em 2002.

Por tratar-se de assunto inédito optou-se pela elaboração de um trabalho estrutural com o objetivo de organizar de forma sistematizada a extensa documentação primária levantada, permitindo assim a possibilidade de provocar novos temas em trabalhos futuros. Acreditamos que ficaram evidenciadas especificidades regionais e, ao mesmo tempo, enriquecemos de dados questões de interesse geral.

A apresentação do trabalho esta dividida em uma discussão teórico-metodológica, uma avaliação da evolução (decadência) econômica da cultura cafeeira na região, as características da evolução da indústria têxtil, as origens sociais dos empresários e os aspectos infra-estruturais, finalizando com uma conclusão.

DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O período estudado, República velha, procurou estabelecer a combinação do ritmo próprio da região com as mais significativas referências gerais; sendo assim, não podemos nos deter em datas específicas, mas ao desenvolvimento do setor têxtil. Essa posição resulta da constatação de Meihy:

“Na impossibilidade de se firmar um critério político ou econômico ou social comum às duas estruturas optou-se por datas simbólicas, representativa dos fatos que envolveram e transformaram em cadência próxima ambas.”¹

Colocada a questão nesses termos temos como marco inicial do período estudado as grandes transformações do capitalismo mundial, a segunda revolução industrial, no Brasil a crise do império e as questões tarifárias e alfandegárias combinada com a

¹ MEIHY, José Carlos Sebe Bon. *Vale de Lágrimas: História da pobreza em Taubaté*. Tese de livre-docência, São Paulo, FFLCH-USP, 1980. p. 49.

decadência da cultura cafeeira na região do Vale do Paraíba e sua inserção junto aos centros mais desenvolvidos do país pela construção da Estrada de Ferro Central do Brasil. O final do período é marcado pela crise do capitalismo mundial, simbolizado pela quebra da Bolsa de Nova Iorque, pela revolução de 1930 no Brasil e pela consolidação da indústria têxtil na região.

Quanto aos aspectos teóricos, consideramos que o surgimento da indústria têxtil no Brasil está relacionado com o advento da Segunda Revolução Industrial, no final do século XIX.

Os países periféricos cujo comércio de produtos básicos com os países capitalistas centrais eram mais intensos, possibilitando a formação de um contingente de consumidores elevado e grandes núcleos urbanos experimentaram uma mudança qualitativa no seu comércio exterior. Houve a partir de então uma maior participação nas importações de bens de capital, com maior valor agregado, e a transferência para os países periféricos da produção de produtos de bens de consumo não duráveis, sendo o setor têxtil o primeiro a vivenciar essa situação.

Portanto, o crescimento econômico do país nesse período teve, primeiramente, como setor dinâmico do sistema, a expansão do setor cafeeiro, formando o núcleo de uma economia de mercado interno, que dinamizou os efeitos de crescimento. Furtado, após analisar o fluxo da renda na economia brasileira, à luz do aumento da importância relativa do setor assalariado como base do mercado interno conclui que “*o aumento da renda se realiza, portanto, em duas etapas: Em primeiro lugar graças ao crescimento das exportações e, em segundo, pelo efeito multiplicador interno.*”²

Sendo assim, os gastos de consumo, antes orientados para as importações, passam a ser produzidos internamente. É interessante observar que o conhecimento da quantidade de importações de determinados produtos de consumo é uma informação relevante para o estímulo ao investimento interno.³

As considerações acima indicam que adotamos os efeitos de encadeamento de consumo e de produção para frente para atender ao setor do produto básico como

² FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo Nacional, 1998. p.157. Para a análise completa do processo pelo autor ver pp.142-160.

³ HIRSCHMAN, Albert O. *Estratégia do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. Capítulo 6-*Interdependência e Industrialização*. pp. 152-183.

responsáveis pela instalação das indústrias têxteis na região. Levamos em conta também os efeitos fiscais, considerando as políticas locais de atração de indústrias.

Acrescenta-se a isso o pressuposto de que as duas frações burguesas, agrária e industrial, mantinham relações de complementaridade e conflito, principalmente nos aspectos infra-estruturais e nas políticas fiscal e alfandegária.⁴

Quanto às desigualdades regionais pode-se explicá-las pelo princípio de causalção circular e cumulativa de Myrdal.⁵ Na análise do autor, o sistema capitalista desenvolve-se produzindo desigualdade, regiões mais avançadas tendem a atrair investimentos; por outro lado, as regiões pobres tendem a perder investimentos.

Nosso objetivo é demonstrar que o desenvolvimento industrial regional esteve vinculado a fatores favoráveis, como a manutenção da renda regional, mão-de-obra disponível e a proximidade e ligação ferroviária com os maiores centros urbanos.

As principais documentações primárias utilizadas foram os balanços das empresas, obtidos nos D.O.E., juntamente com as atas das câmaras municipais, jornais e bibliografia local.

Definidas essas questões, o trabalho procurou responder a algumas questões, tais como: Quais foram as indústrias do setor têxtil na região do Vale do Paraíba Paulista? Como foi o desenvolvimento do setor na região? Quais foram os empreendedores desses investimentos? Qual o significado da produção regional face ao contexto geral do setor no país? Que aspectos podemos destacar como atrativos para a instalação de unidades industriais do setor têxtil na região?

A ECONOMIA CAFEIEIRA NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA NA REPÚBLICA VELHA -UMA REFLEXÃO

A cafeicultura no século XIX trouxe progresso para a região do Vale do Paraíba, que cresceu e diversificou as funções dos centros urbanos.⁶

⁴ PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Empresários, suas origens e as Interpretações do Brasil*. In: SZMRECSÁNYI, Tamás e MARANHÃO, Ricardo (org). *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, HUCITEC/FAPESP/ABPHE, 1996. pp. 143-164.

⁵ MYRDAL, Gunnar. *Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro, Saga, 1965. pp. 60-61.

⁶ MÜLLER, Nice Lecocq. *O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba-Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro, IBGE-Instituto Brasileiro de geografia, 1969. pp. 55-67.

A produção de café da região em relação à produção do Estado de São Paulo decaiu de 86,50% em 1836 para 1,71% em 1935, no entanto temos que levar em consideração que a produção total aumentou em quase 89 vezes, saltando de 590 mil para 52,4 milhões de arrobas no mesmo período.⁷ Assim, na produção física regional a queda foi menos significativa, como mostra a tabela 1 abaixo:

Tabela 1 – Produção de Café, Vale do Paraíba, Arrobas e Porcentagem

Municípios	1854		1886		1920		1935	
	Arrobas	%	Arrobas	%	Arrobas	%	Arrobas	%
Areias	386.094	13,9	480.000	24,6	79.900	10,8	52.335	5,9
Bananal	554.600	20,0	-	-	15.847	2,2	13.650	1,6
Guaratinguetá	100.885	3,6	350.000	17,9	97.687	13,3	63.625	7,2
Jacareí	240.010	8,7	86.000	4,4	21.880	3,0	39.540	4,5
Lorena	125.000	4,5	176.667	9,0	130.961	17,8	107.040	12,2
Paraibuna	118.320	4,3	10.000	0,5	11.747	1,6	68.725	7,8
Pinda	350.000	12,6	200.000	10,2	84.520	11,5	51.109	5,8
S. J. Campos	60.000	2,2	250.000	12,8	51.173	6,9	134.254	15,3
Taubaté	354.730	12,8	360.000	18,4	222.147	30,2	324.293	36,8
Outros Municípios	484.000	17,4	41.600	2,2	20.833	2,7	25.246	2,9
Total da Região	2.773.639	100,0	1.954.267	100,0	736.695	100,0	880.167	100,0

Fonte: MILLIET, op. cit. p. 41. A produção de Bananal relativa a 1886 está somada às de Areias. Idem para as tabelas 2 á 4 a seguir.

Observamos que a produção regional apresentou desequilíbrios em sua evolução, alguns municípios, entre eles os mais conhecidos pelos estudos históricos, como Bananal e Areias, sofreram acentuada queda de produção, enquanto outros mantiveram na cultura cafeeira uma atividade econômica importante, como Taubaté, São José dos Campos, Guaratinguetá e Lorena.

⁷ MILLIET, Sergio. *Roteiro do café e Outros Ensaios*. São Paulo, BIPA Editores, 1946. pp. 17-27.

Se levarmos em conta a cotação do preço do café no mercado internacional, vemos que até 1920, alguns municípios, principalmente Taubaté, puderam manter a captação de recursos com a produção de café, como estimamos na tabela a seguir:

Tabela 2 – Faturamento com Produção de Café, Vale do Paraíba, Dólares e Porcentagem

Municípios	1854		1886		1920		1935	
	US\$	%	US\$	%	US\$	%	US\$	%
Areias	1.110.020	13,9	1.697.760	24,7	515.035	10,8	131.466	5,9
Bananal	1.594.475	20,0	-	-	102.150	2,2	34.289	1,6
Guaratinguetá	290.044	3,6	1.237.950	18,0	629.690	13,3	159.826	7,2
Jacareí	690.029	8,7	304.182	4,4	141.038	3,0	99.324	4,5
Lorena	359.375	4,5	592.488	8,6	844.174	17,8	268.884	12,2
Paraibuna	340.170	4,3	35.370	0,5	75.721	1,6	172.637	7,8
Pindamonhangaba	1.006.250	12,6	707.400	10,3	544.816	11,5	128.386	5,8
S. J. Campos	172.500	2,2	884.250	12,9	329.861	6,9	337.246	15,3
Taubaté	1.019.849	12,8	1.273.320	18,5	1.431.960	30,1	814.624	36,9
Outros Municípios	1.391.500	17,4	147.139	2,1	134.290	2,8	63.418	2,8
Total da Região	7.974.212	100,0	6.879.859	100,0	4.748.735	100,0	2.210.100	100,0

Fonte: MILLIET, op. cit. p. 41. DELFIM NETTO, Antonio. *O Problema do Café no Brasil*. São Paulo, IPE/USP, 1961. pp. 346-347. Os valores acima foram obtidos pela multiplicação do preço de importação do café nos Estados Unidos, citados em DELFIM NETTO, pela quantidade produzida em arrobas indicados na Tabela 1. Valores de conversão de cents/libra-peso para dólares/arroba, fator 0,3307.

Tabela 3 – Desenvolvimento do Faturamento, 1854=100

Municípios	1854	1886	1920	1935
Areias	100,00	152,95	46,40	11,84
Bananal	100,00	_____	6,41	2,15
Guaratinguetá	100,00	426,81	217,10	55,10
Jacareí	100,00	44,08	20,44	14,39
Lorena	100,00	164,87	234,90	74,82
Paraibuna	100,00	10,40	22,26	50,75
Pindamonhangaba	100,00	70,30	54,14	12,76
São José dos Campos	100,00	512,61	191,22	195,50
Taubaté	100,00	124,85	140,41	79,88
Outros municípios	100,00	10,57	9,65	4,56
Total da Região	100,00	86,34	59,55	27,72

Fonte: Valores indicados na Tabela 2.

Podemos concluir que houve na região grande queda no faturamento com o café, chegando em 1935 a 27,72% do valor observado em 1854. No entanto, alguns municípios não sofreram queda tão acentuada, mantendo um fluxo de renda para a região capaz de viabilizar recursos para o fomento ao desenvolvimento de outras atividades, entre as quais a indústria têxtil.

Outro aspecto que merece atenção, por constituir-se em fator vital para as atividades produtivas é a força de trabalho. Nesse ponto, a economia cafeeira foi fundamental para o povoamento intensivo da região. Baseado em Sergio Milliet chegamos à seguinte evolução da população regional:

Tabela 4 – Evolução da População do Vale do Paraíba Paulista, 1854 = 100

Municípios	1854	1886	1920	1935
Areias	100,00	220,02	189,89	202,65
Bananal	—	—	—	—
Guaratinguetá	100,00	186,90	314,28	283,20
Jacareí	100,00	167,98	257,21	317,41
Lorena	100,00	391,46	505,33	559,76
Paraibuna	100,00	243,53	443,69	368,86
Pindamonhangaba	100,00	171,28	294,87	275,07
São José dos Campos	100,00	258,20	442,41	455,75
Taubaté	100,00	182,11	382,99	305,02
Outros municípios	100,00	212,18	318,46	329,98
Total	100,00	228,12	345,85	338,71

Fonte: MILLIET, op. cit. p. 39.

Vemos que esse povoamento segue o ciclo de produção cafeeira, sendo que no geral os municípios aumentam sua população. Examinando-se mais detidamente o perfil populacional, temos um processo de urbanização crescente, chegando, por exemplo, em Taubaté a taxa de urbanização de 59,7% em 1934.⁸ Essa população urbana ofereceu disponibilidade de força de trabalho para as atividades urbanas a baixo custo, constituindo-se em fator de atração de investimentos.

Por fim, tivemos a instalação da ferrovia, que concluiu a ligação Rio de Janeiro-São Paulo em 1877. Como aponta Cano⁹, a ferrovia não serviu para a dinamização da produção cafeeira, já que as condições do oeste paulista não se apresentavam para a região, que possuía cafeeiros velhos, produção em queda e ausência de terras para a expansão da cultura. No entanto, facilitou o contato com as duas grandes capitais, Rio de Janeiro e São Paulo, incentivando novas atividades econômicas e expandindo o comércio da região, que passa a ter nas proximidades da estação ferroviária o novo referencial para o desenvolvimento das cidades.

⁸ RICCI, Fabio. *Vilas Operárias de Taubaté: Contribuição ao estudo da Urbanização*. In: *Revista Ciências Humanas-UNITAU*, Taubaté, v.8, n°2, pp.93-98, jul-dez/2002.

⁹ CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1990. pp. 17-23.

ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA TÊXTIL NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

A primeira indústria têxtil da região foi a Fábrica de Tecidos Santo Antonio, localizada na Serra do Mar, entre São Luiz do Paraitinga e Ubatuba. Fundada em 1875¹⁰ pelo Coronel José Domingos de Castro, possuía 25 teares de origem americana e era movida por turbina d'água.¹¹ As referências encontradas levam-nos a trabalhadores de origem francesa.¹² Essa indústria foi instalada visando o aproveitamento do algodão produzido no município, que viveu um surto na produção algodoeira no período, sendo a produção anual estimada em 450 mil quilos.¹³ Seu período de operação foi efêmero e “por volta de 1891 já a fábrica de São Luis(sic) do Paraitinga tinha deixado de funcionar.”¹⁴

O encerramento das atividades da empresa pode ter sido determinado pela ligação da região por estrada de ferro entre as capitais do Estado de São Paulo e Federal, deslocando o porto de Ubatuba como eixo de ligação, determinando o destino bucólico dessa área da serra do mar.

Em 1879 começou a funcionar¹⁵ a fábrica de meias Malharia Nossa Senhora da Conceição S/A¹⁶, que alguns autores locais indicam ter sido uma indústria pioneira na fabricação de meias no Brasil.¹⁷

¹⁰ SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira: Origem e desenvolvimento*. São Paulo, Hucitec/UNICAMP, 2000. p.402.

¹¹ *CTI Jornal*, 15/6/1937. p.3. Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade de Taubaté(CDPH-UNITAU)

¹² AGUIAR, Mário. *São Luiz do Paraitinga (usos e Costumes)*. In: *Revista do Arquivo Municipal*, ano XV, vol CXXI, janeiro/1949, São Paulo. p. 21.

¹³ PACHECO E CHAVES, Elias Antônio. Et Alli. *Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da província de São Paulo*. São Paulo, Comissão Central de estatística, 1888. p. 263.

¹⁴ *CTI Jornal*, 15/4/1937. p. 3. CDPH-UNITAU.

¹⁵ Ofício de Luis Simon ao Governo da província de São Paulo, 3/2/1882. Livro de Registro de Ofícios e Outros Documentos da Câmara Municipal de Jacareí, aberto em 2/5/1881. p. 11. Acervo Particular Benedicto Sergio Lencioni.

¹⁶ Essa razão social foi adotada em 1918.Da sua fundação até 1885 foi Luis Simon & irmão, quando então passou a Simon e Martins. Em 1998 a Ferraz Fester e Cia., de 1901 até 1818 Companhia“Fábrica de meias Hoffman-Jacarehy”e a partir de 1918 Malharia Nossa Senhora da Conceição S/A. Para facilitar a leitura do trabalho adotamos o último em todos os períodos. Ata AGE 5/9/1918, cópia da Certidão nº 1691, Junta Comercial do estado de São Paulo, 18/9/1918.

¹⁷ CRUZ, Luiz José Navarro da. *Retratos da Cidade-A Façanha dos pioneiros*. In: *Semanário de Jacareí*, nº 371, 12/5/2000. p. 2.

Com maquinário de origem holandesa e francesa a sua produção era de 13 a 14 mil dúzias de meias sem costura por ano destinada principalmente para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

A mão-de-obra utilizada era de trabalhadores nacionais, porém, os mestres eram estrangeiros. Com 67 operários no início das operações, passou a cerca de 140 no início do século e a cerca de 300 em meados da década de 1910.

Na última década do século XIX, o fenômeno do encilhamento estimulou um surto de expansão industrial. Na região do Vale do Paraíba foi fundada a Companhia Taubaté Industrial -CTI, em 4/5/1891. Com capital de R\$ 500:000\$000, sua primeira diretoria era composta por: Rodrigo Nazareth de Souza Reis-Presidente; Valdemar Bertelsen-Diretor Comercial; Felix Guisard-Diretor Técnico.

Já na instalação da empresa esgotaram-se os recursos financeiros, o que era comum às indústrias da época, como constata Stein: “...quando a construção já estava bem adiantada, ou quando as fábricas já iam entrar em operação, os empresários têxteis ficavam sem capital de giro para prosseguir.”¹⁸ A desvalorização cambial que segue o período do encilhamento agrava a situação, obrigando a empresa a solicitar empréstimo junto ao Banco da República do Brasil para compra do maquinário. As flutuações cambiais da última década do século XIX encareciam os fios importados. Um incêndio em 19/3/1898, que destruiu a seção de confecção e tecelagem de camisas deixou a empresa em situação crítica.¹⁹

A política Econômica do Governo Campos Sales (1898-1902), embora oferecesse proteção à indústria nacional, onerava os custos das empresas que operavam com fios importados. A CTI vai sentir essa situação, sendo que as dívidas da empresa alcançavam um montante que inviabilizavam o empreendimento. A solução foi a conversão da dívida em capital acionário dos credores ingleses, que assumiram 50% do capital.²⁰

A entrada de capital direto, além de ser, possivelmente, a única forma dos ingleses receberem o que a CTI lhes devia, pode ser entendida como resultado da procura de

¹⁸ STEIN, Stanley J. *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil-1850-1950*. Rio de Janeiro, Campus, 1979. p. 44.

¹⁹ GUIARD, Félix. “Foi assim...”. In: *CTI Jornal*, nº 1, 15/4/1937. p. 1.

²⁰ Ata da Reunião de Diretoria, 2/4/1899. Livro de Atas de Reuniões da Diretoria apud SAN-MARTIN, Paulo Guaycuru. *A Companhia Taubaté Industrial: O empresário, a empresa e a cidade*. Dissertação de Mestrado, Taubaté, Universidade de Taubaté, 1990. p. 118. nota 73.

oportunidades pelos investidores ingleses e da adequação do perfil de produção da CTI aos artigos importados.

A partir de então, a CTI faz investimentos em maquinários, diversifica os artigos produzidos, como panos de Morins e Cretones, toalhas felpudas, etc e passa a contar com a distribuição da firma inglesa Edward Ashwort & Co., com filial estabelecida no Brasil(Rio de Janeiro) desde 1840. Esta empresa passa a controlar 70% do capital em 1910 e assume a presidência da CTI em 1911. Em 1912, o capital social é elevado para 2.500:000\$000. A CTI Chega em 1913 a possuir 600 funcionários.²¹

A expansão dos investimentos pode ser justificada pela dificuldade de importação de produtos para distribuição em função da instabilidade cambial e das taxas alfandegárias. À medida que a estrutura industrial interna possibilitava o fornecimento estável de produtos, as casas comerciais optavam por adquirí-los internamente.

A política econômica implantada a partir de 1906, com a desvalorização e estabilização da moeda, favorecendo a importação de bens de capital e a atração do capital estrangeiro, favoreceu um ciclo de investimentos no setor têxtil que perdurou até a crise de 1913. Como consequência ampliou-se a capacidade de produção e melhorou-se a qualidade de tecidos produzidos no país.²²

No Vale do Paraíba indústrias são fundadas e os capitais e investidores alteram o perfil da produção regional, como vimos na CTI, fazendo da indústria têxtil um setor com forte presença.

A Malharia Nossa Senhora da Conceição ampliou sua produção, incorporando a fabricação de embalagens para seus produtos e mantinha um bom setor de manutenção. Quando da crise de 1913, as novas máquinas adquiridas não puderam entrar em operação, ficando a fábrica com grande capacidade ociosa.

Foram fundadas nesse período a Companhia de Tecidos de Malha “Filhinha” S/A, em 1906, e a S.A. Jacarehy Industrial -SAJI, em 16/11/1911, ambas em Jacareí e também a companhia Fiação e Tecidos Guaratinguetá, em 27/03/1914, na cidade do mesmo nome, entre outras em Caçapava e Jacareí, porém sem entrarem em operação ou logo incorporadas por outras empresas.

²¹ GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o Início da Modernização no Brasil-1850-1914*. São Paulo, Brasiliense, 1973. pp. 147 e 150.

²² STEIN, op. cit. p. 109.

A “Filhinha” foi fundada por João Ferraz, que havia sido gerente e um acionista da Malharia Nossa Senhora da Conceição. A SAJI foi fundada pelo português Manoel Lopes Leal e pela família Mercadante, comerciantes da cidade. Fabricava meias femininas. A fábrica de Guaratinguetá foi fundada pela família Rodrigues Alves, mas sua operação foi viabilizada com a vinda de investidores de São Paulo, que levou a fábrica a operação somente depois da I Guerra.

Após as considerações sobre as indústrias têxteis fundadas na região até a I Guerra Mundial é possível situa-las no contexto do setor conforme descrição abaixo:

Quadro 1 - Vale do Paraíba Paulista: Indústrias Têxteis, ano de fundação, município, situação, produto, capital (contos), quantidade de operários, antes da I Guerra Mundial

Fábrica	Fundada	Cidade	Situação	Produtos	Capital Contos	Operários Quant.
F. Sto. Antônio	1875	S.L.Paraitinga	Desativada	Panos grossos	-	-
Malharia N.S.Conceição	1879	Jacareí	Operando	Meias femininas	500	300
CTI	1891	Taubaté	Operando	Morins, cretones e riscados	2.500	600
Malha “Filhinha”	1906	Jacareí	Operando	Meias e gravatas	500	150
S.A.J.I.	1911	Jacareí	Operando	Meias femininas	300	150
CFT Guará	1912	Guará	Construção	-	-	-
C.I.L. Caçapava	1913	Caçapava	Instalada a sociedade	-	-	-

Fonte: Fábrica de Tecidos Santo Antônio: SUZIGAN, op. cit. p. 402; Malharia Nossa Senhora da Conceição: Ofício de Luiz Simon ao Governo da província de São Paulo, 3/2/1882. Livro de Registro de Ofícios e Outros Documentos da Câmara Municipal de Jacareí, aberto em 2/5/1881. p. 11. Acervo Particular Benedicto Sergio Lencioni, Balanço 1913, D.O.E., 29/5/1914, p. 2231. Arquivo D.O.E.; Companhia Taubaté Industrial: **CTI Jornal** nº 1, 15/4/1937, p. 3. Artigo: **A História da CTI**, Balanço 1914, Livro Diário 1911-1915, pp. 794-796. CDPH-UNITAU, AGE 21/2/1910, apud SAN-MARTIN, op. cit. pp. 147-152; Companhia de Tecidos de Malha “Filhinha”: CRUZ, Luiz José Navarro da. *Retratos da Cidade: A Façanha dos Pioneiros*, in *O Semanário de Jacareí*, nº 371, 12/5/2000, p. 2, Ata AGE, 25/10/1911, D.O.E., 7/11/1911, p. 4253, Ata AGE 25/10/1911, D.O.E. 7/11/1911, p. 4253. Arquivo D.O.E.; S.A. Jacarehy Industrial: Ata da Assembléia Geral Constituinte da S.A. Jacarehy Industrial, 16/11/1911. D.O.E., 28/11/1911, p. 4652. Ata AGO, 27/2/1913, D.O.E., 12/3/1913, p. 1186, Ata AGO 27/2/1913, D.O.E. 12/3/1913, p. 1186. Arquivo D.O.E.; Companhia Fiação e Tecidos Guaratinguetá: Ata da Assembléia Geral Constituinte, 27/3/1914, D.O.E., 16/4/1914, p. 1701. Arquivo D.O.E. e Companhia Industrial Limitada de Caçapava: Escrituras de constituição, 2/12/1912, D.O.E. 21/12/1912, p. 5376. Arquivo D.O.E.

Comparando-se com a situação do Estado de São Paulo e do Brasil, observamos que a média de trabalhadores empregados pelas fábricas da região está abaixo da do estado e do país. Quanto ao capital e à quantidade de trabalhadores, as indústrias do Vale do Paraíba Paulista possuíam 1,18% e 1,46% do total do país, respectivamente, como podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 2 - Comparação do Vale do Paraíba Paulista com São Paulo e Brasil, 1915

Área	Fábricas	Capital (Contos de réis)	Trabalhadores
Brasil	240	321.110	82.257/média 343 trabalhadores
São Paulo	51	-	18.338/média 360 trabalhadores
Vale do Paraíba	4	3.800	1.200/média 300 trabalhadores

Fonte: Brasil e São Paulo: STEIN, op. cit. p. 111, VPP: CTI: RIBEIRO, op. cit. p. 139 e GRAHAM, op. cit. p. 150; Malharia Nossa Senhora da Conceição: Manifesto para emissão pública de um empréstimo de 250:000\$000..., 7/12/1911, D.O.E., 8/12/1911, p. 4861. Arquivo D.O.E.; Companhia de Tecidos de Malha “Filhinha”: Ata AGE 25/10/1911, D.O.E. 7/11/1911, p. 4253. Arquivo D.O.E. e S.A. Jacarehy Industrial: Ata AGO 27/2/1913, D.O.E. 12/3/1913, p. 1186. Arquivo D.O.E.

Quanto à origem do maquinário, vieram dos tradicionais fornecedores, Estados Unidos, Holanda, França e Inglaterra. Os fornecimentos da Alemanha e Itália ocorreram em anos imediatamente anteriores a I Guerra Mundial, reflexo da disputa pelo mercado internacional por parte das economias centrais.

Quadro 3-Indústrias Têxteis do Vale do Paraíba Paulista, Maquinários, País de Origem

Fábrica	Maquinários-País de Origem	Ano
FT Santo Antônio	Estados Unidos	1880
Malharia N.Sra. da Conceição	Holanda - França	1879
CTI	Inglaterra-teares	1891
CTI	Alemanha-hidrelétrica	1913/25
CFT Guaratinguetá	Itália	1915/18
S.A. Jacarehy Industrial	Alemanha	1912

Fonte: FT Santo Antônio-*CTI Jornal*, 15/6/1937.p.3.CDPH-UNITAU; Malharia Nossa Senhora da Conceição-CRUZ, Luiz José Navarro da. *Retratos da Cidade-A Façanha dos Pioneiros*, in: *O Semanário de Jacaré*, nº 372, 12/5/2000.p.2.APMJ; CTI- Ata da 2ª Reunião da Diretoria, 6/7/1891. Livro de Atas de Reuniões de Diretoria. CDPH-UNITAU e RICCI, Fabio. *Energia Elétrica - Pequenas Concessões: Usina Felix Guisard- Um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado em História Econômica, São Paulo, FFLCH/USP, 1996. pp. 126, 137-138; CFT Guaratinguetá- MAIA, Thereza Regina de Camargo e FABIANO, Maria Isbella Maia. *Pedregulho, Notas para a sua História*. Guaratinguetá, Centro Social de Guaratinguetá, 1997. pp. 1 e 15. p. 7; S.A.Jacarehy Industrial-Estatutos da Sociedade Anônima Jacarehy Industrial, D.O.E., 28/11/1911. p. 4652. Arquivo D.O.E.

Acreditamos que as indústrias da região, por contarem com capital próprio para investimentos, puderam ter maior independência na aquisição dos equipamentos, o que levou à diversidade de origem dos maquinários.

O período da I Guerra Mundial foi marcado pela retração do comércio internacional e o abastecimento interno suprido por fabricantes brasileiros. Durante este período houve drástica redução nos investimentos, expansão da produção, chegando ao limite da capacidade das empresas e os lucros variaram em função das necessidades de insumos importados pelos fabricantes.²³

Observamos a redução de investimentos nas indústrias têxteis da região. A CFT Guaratinguetá e a CIL Caçapava não entraram em operação, a SAJI montou apenas uma quarta parte de seu maquinário e a CTI cancelou a construção de sua usina hidrelétrica.

A produção, com dados obtidos da SAJI, experimentou boa evolução, com faturamento alcançando incremento de mais de 50% acima da variação do custo de vida do período, sendo que a elevação absoluta de receita superou a 200%.

Isso refletiu-se sobre os lucros que permitiram que as empresas elevassem seus fundos e se capitalizassem para investimentos após o período da guerra, além de elevarem a distribuição de dividendos que chegou a 20% em 1917 na SAJI.²⁴

A lucratividade da SAJI foi maior que as outras empresas da região por contar com maquinário moderno e ser sua produção, meias femininas finas, menos concorrida, ao contrário da CTI que, embora produzindo artigos de grande aceitação popular, estava sujeita a maior concorrência.

Durante a guerra, houve o fortalecimento dos grupos ligados à indústria, principalmente a partir do momento em que a arrecadação do imposto de consumo se equipara, no orçamento federal, às receitas das alfândegas.²⁵

A política de emissões do Governo, a partir de 1920, com a conseqüente desvalorização do mil réis, era favorável para o setor industrial.

O ciclo de investimentos desse período foi favorecido pelo financiamento de equipamentos pelos fabricantes e as mudanças nas condições de trabalho para os operários têxteis. Muitas novas empresas foram fundadas no interior.²⁶

²³ SUZIGAN, op. cit. pp. 51-61.

²⁴ Balanço 1917, DOE 22/1/1918, p. 468.

²⁵ LUZ, Nícia Vilela. *A Luta pela Industrialização no Brasil*. São Paulo, Alfa Omega, 1978. p. 152.

No Vale do Paraíba as empresas realizaram grandes investimentos, vários empresários viajaram à Europa para compra de equipamentos, sendo que a CTI construiu sua usina hidrelétrica, cujo custo (6.914:164\$550) chegou a superar o valor patrimonial da empresa(5.000:000\$000).²⁷ A produção das indústrias ampliou-se. A CTI fabrica mais de seis milhões de metros de tecidos em 1919²⁸ e a SAJI mais de 60 mil dúzias de pares de meias.

Na CFT Guaratinguetá houve a alteração do controle acionário, com a família Rodrigues Alves dando lugar às empresas paulistas Corezzi & comp. e Crespi & Conti, fabricando brins e cobertores.²⁹

Outras fábricas mudaram o controle acionário em favor de empresários paulistas, como a Malhas “Filhinha” e a Malharia Nossa Senhora da Conceição, esta agora sob a presidência de Ernesto Diederichsen.³⁰

A partir de 1926/1927, as cotações do café iniciam uma evolução de baixa de preços. O setor têxtil ressentiu-se da retração do mercado doméstico e da concorrência inglesa no mercado platino. Os empresários tomam iniciativas para superar a crise, sendo que em São Paulo funda-se o Centro das Indústrias de São Paulo, sob a presidência de Francisco Matarazzo em 1928, conquistando em 1929 a Reforma Tarifária, onerando as importações de tecidos de algodão.

A partir de 1930, com a ascensão de Getúlio Vargas, os empresários passam a fazer parte ativa do governo, conseguindo aprovar em 1931 a restrição às importações de máquinas têxteis, congelando as posições relativas das indústrias têxteis no mercado brasileiro.³¹

Nesse período final da República Velha, a evolução das indústrias têxteis da região do Vale do Paraíba se apresentou de forma heterogênea. Enquanto algumas empresas enfrentaram situações de crise, como a Companhia de Tecidos de malha “Filhinha” e a SAJI, das quais não se recuperaram, a CTI assume dívidas deixadas pelo acionista majoritário Edward Ashwort, que faliu na Inglaterra, passando por um período de grandes

²⁶ STEIN, op. cit. p. 119.

²⁷ Balanço 31/12/1928. Livro Diário 1926-1933, pp. 118-119. CDPH-UNITAU.

²⁸ Relatório da diretoria, ata AGO 11/2/1920, DOE 19/2/1920. p. 1092. Arquivo DOE.

²⁹ Ata AGE 25/11/1918, DOE 10/12/1918. p. 5819 e 19/6/1919, DOE 20/7/1919. p. 2108. Arquivo DOE.

³⁰ Relatório da diretoria 24/2/1919, DOE 27/3/1919. p. 2108. Arquivo DOE.

³¹ STEIN, op. cit. pp. 141-148.

dificuldades, outras passam melhor pelo período e consolidam-se, como a Malharia Nossa Senhora da Conceição e a CFT Guaratinguetá.

Irão surgir várias fábricas têxteis na região, como a fábrica de Meias Vitória, em Jacareí, a Lanifício Plástica, em Guaratinguetá, a Companhia Fabril de Juta, em Taubaté e, surgindo com vigor no processo de industrialização, São José dos Campos vai receber três indústrias do setor: a Tecelagem Parahyba, a Meias Alzira e a fábrica de raion de Matarazzo, esta já na década de 1930.

Podemos resumir a situação ao final do período da República Velha e início da era Vargas caracterizando o Vale do Paraíba Paulista como um centro de indústrias têxteis, produzindo artigos diversos, como tecidos de algodão, cobertores, brins, meias masculinas e femininas e sacaria de algodão e de juta. A CTI produzia mais de 11 milhões de metros de tecidos de algodão anualmente, respondendo por 1,75% da produção nacional. A CFT produzia artigo de qualidade, exportando para a Espanha 10 mil unidades de cobertores em 1934. Estimamos que as fábricas de meias respondiam por mais de 5% do volume nacional.³²

Quanto ao capital e a quantidade de trabalhadores a evolução foi a seguinte:

Quadro 4- Comparação do Capital e da Quantidade de Trabalhadores na Indústria Têxtil, Vale do Paraíba Paulista, 1915 -Final da Década de 1920, e Brasil, em Réis, 1915-1932. Valores Deflacionados, Ano Base 1915.

ANO	VALE DO PARAÍBA		BRASIL	
	Capital (contos de réis)	Trabalhadores	Capital (contos de réis)	Trabalhadores
1915	3.800	1.200	321.110	82.257
Final década 1920/1932	14.900	6.500	316.562	115.550
Crescimento %	292,1	441,7	- 1,4	40,5

Fonte: VPP-Balanços das empresas citadas. Brasil-STEIN, op. cit. p.191.

³² IBGE, Anuário estatístico do Brasil, 1940. Rio de Janeiro, IBGE, 1940. p. 1330.

Podemos observar que a evolução tanto do capital como da quantidade de trabalhadores na região do Vale do Paraíba Paulista foi significativamente superior à evolução do setor no Brasil, fazendo com que as indústrias têxteis da região passassem a representar 4,7% do capital e 5,6% dos trabalhadores ocupados no setor no país.

Nesse sentido, podemos observar que, à medida que a industrialização concentrava-se e se diversificava na capital paulista, com a instalação de indústrias de outros setores produtivos, como o metalúrgico e o químico³³, o setor industrial mais tradicional, o têxtil, deslocava-se do centro dinâmico para a região do Vale do Paraíba Paulista, permitindo o seu desenvolvimento industrial periférico, como o que ocorrera na capital paulistana nas décadas anteriores em relação aos artigos têxteis importados.

ORIGENS SOCIAIS E INSERÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DOS INDUSTRIAIS TÊXTEIS DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

A origem social dos industriais no Brasil tem sido objeto de análise de vários autores.³⁴

Nosso ponto de análise é o de que a lógica do capital, que é a sua reprodução, buscando otimizar a geração de excedentes e as condições objetivas para a sua aplicação é que levaram ao investimento em atividades industriais. Portanto, os agentes econômicos detentores de algum capital buscaram investir nessas atividades.

Na região do Vale do Paraíba, a malharia Nossa Senhora da Conceição foi fundada por Luiz Simon, descendente de franceses, comerciante de jóias em Jacareí. A partir do início do século XX o controle acionário passa para a Empresa Theodore-Wille, com acionistas estrangeiros, entre os quais o diretor gerente Ernesto Diederichsen, filho e fazendeiros imigrantes de segunda ou terceira gerações³⁵, que fica à frente da empresa até 1946.

³³ SUZIGAN, op.cit. pp. 261-361.

³⁴ DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo, DIFEL, 1971. Primeira Parte - *Origens Econômicas e Sociais do Empresariado, 1880-1914*, pp. 25-87. PEREIRA, op.cit. pp. 143-164.

³⁵ Diederichsen pode ter sido preposto de Theodore-Wille no período e protegido por fazendeiros no período da I Guerra Mundial. DEAN, op. Cit. p. 111.

A CTI teve como acionistas fundadores comerciantes (32%), industriários e poupança familiar (16%), banco local (23,4%), cafeicultores (12,8%), industriais e empresas locais (15,8%). À partir de 1900 até 1930 o capital inglês, através da Casa Comercial Edward Ashworth, assume o controle da companhia que, a partir de 1930 passa para o controle da família de Felix Guisard, diretor técnico fundador da empresa em 1891, descendente de franceses, industriário no Rio de Janeiro na Fábrica Pau Grande e na Companhia América Fabril.

A Sociedade Anônima Jacarehy Industrial foi fundada pelo industrial de destilação de álcool e açúcar, Manoel Lopes Leal, português, residente em Jacaré e pela família Mercadante, Nicolau, italiano, e seus filhos, nascidos no Brasil. Funileiro, fabricante de tachos de cobre fundido e alambiques, ganhou na loteria, estabelecendo uma grande casa comercial na rua de baixo e emprestando dinheiro às pessoas da cidade.

A Companhia de Tecidos de malha “Filhinha” foi fundada pelo industriário João Ferraz, no início do século XX, passando em 1911 para o controle acionário de empresas estrangeiras e de investidores da cidade de São Paulo.

A CFT Guaratinguetá foi fundada em 1914 por comerciantes e fazendeiros de Guaratinguetá, tendo à frente a família Rodrigues Alves. No entanto a empresa entrou efetivamente em operação a partir de 1919, com o controle acionário passando para investidores paulistanos.

Concluimos que, para as indústrias fundadas antes da I Guerra Mundial, os capitais regionais foram majoritários, dividindo-se em investidores de várias origens sociais, predominando os capitais de origem urbana. Ainda na primeira década do século XX os capitais dos centros econômicos do país, principalmente de filiais de empresas estrangeiras, assumiram o controle acionário das principais fábricas passando a industrialização têxtil regional a ser tributária daqueles centros. Os primeiros diretores técnicos, determinantes para o bom funcionamento das empresas, vindos de São Paulo ou do Rio de Janeiro, eram imigrantes ou descendentes e com o passar dos anos assumiram o controle acionário de várias empresas.

Com a inserção mais intensa da indústria têxtil no desenvolvimento econômico regional há uma crescente inserção política e social dos empresários nas cidades onde se instalaram as empresas.

A família Rodrigues Alves, com influência política em Guaratinguetá desde o século XIX, consegue aprovação da câmara municipal considerando perímetro urbano da cidade toda a extensão compreendida entre o bairro do pedregulho até a Porteita do Guarda permitindo abertura de avenida e melhorias públicas, como caixa d'água e linha de bondes a tração animal do centro da cidade até o bairro onde se localizava a fábrica.³⁶

Em Taubaté e Jacareí, Felix Guisard e João Ferraz, respectivamente, foram prefeitos nos seus municípios, alcançando essa posição a partir de suas atividades industriais. Para alcançarem posição de destaque aliaram-se às elites locais e lideraram os trabalhadores urbanos, legitimando-se como representantes de seus interesses.

Ainda em Jacareí, a família Mercadante construiu para si uma imagem de benfeitores, principalmente como mantenedores da Santa Casa de Misericórdia. A família Gomes em São José dos Campos, e Audrá em Taubaté, também fizeram-se representar nos mais destacados postos de suas comunidades e do Estado de São Paulo nas décadas posteriores.

As famílias também se destacaram na área de esportes e lazer, desenvolvendo várias atividades para o operariado e assim disciplinando o comportamento e as atividades sociais de que participavam, permitindo a retenção de mão-de-obra em suas empresas e a renovação da força de trabalho de modo controlado, tornando-a mais produtiva. Ao mesmo tempo que estas atividades legitimavam e ampliavam a aceitação do empresário capitalista pela sociedade e população. Em Guaratinguetá, o clube de futebol Teci - Guará; em Taubaté, o Esporte Clube Taubaté, e em Jacareí, o Esporte Clube Elvira foram fundados pelos industriais ainda nas décadas de 1910 e 1920, promovendo grandes eventos esportivos e culturais.³⁷

O caso da colônia de férias de Ubatuba pertencente a CTI merece destaque, por ser incomum nas empresas da época. Anualmente, a fábrica era fechada por 15 dias e os operários conduzidos em transporte fornecido pela empresa a Ubatuba, onde desfrutavam das férias.

³⁶ MAIA, Thereza Regina de Camargo e FABIANO, Maria Isbella Maia. *Pedregulho, Notas para a sua História*. Guaratinguetá, Centro Social de Guaratinguetá, 1997. pp. 1 e 15.

³⁷ MARCONDES, Carlos. *A Fábrica do Pedregulho e o Teci-Guará*. In: *Revista A Cidade: Guaratinguetá*. Lorena, Target Ed., Maio/1999. n° 2. p. 5. *E. C. Elvira*. Órgão Informativo do E.C.Elvira, Edição Especial-Setenta Anos. Julho/1990. pp. 5-6.

Como vemos, os empresários têxteis da região do Vale do Paraíba Paulista mostraram-se hábeis para dominarem as atividades urbanas, contendo os conflitos com a mesma competência das elites rurais decadentes, interferindo na vida econômica, política e social da região. Dessa maneira constituíram-se em referências de padrão de comportamento e de defensores dos interesses da população, legitimando-se perante seus trabalhadores e, do seu ponto de interesse, mostrando e oferecendo o que era melhor para suas necessidades.

ASPECTOS INFRA-ESTRUTURAIS

A redução de custos é um imperativo para a decisão dos investidores. Nesse sentido a região do Vale do Paraíba Paulista contou com a instalação da ferrovia, ligando-a aos centros econômicos mais desenvolvidos do país, Rio de Janeiro e São Paulo a partir de 1877 e, unificando as bitolas da linha, a partir de 1905.

Não dinamizou a atividade cafeeira³⁸, mas possibilitou a participação da região na nova fase econômica que se abria no Sudeste Brasileiro, possibilitando a produção manufatureira em grande escala e o acesso aos mercados dos grandes centros.

Observamos a inauguração de várias fábricas após a unificação das bitolas. As fábricas instalaram-se sempre próximas às ferrovias e a modernização e crescimento das cidades se deram nos arredores das estações ferroviárias.

Os incentivos fiscais oferecidos pelos municípios constituíram-se num importante instrumento de atração de investimentos, por meio de concessões e isenções de impostos, doações de terrenos e outros “favores”.

Eles surgem na região no período imediatamente anterior a I Guerra Mundial. Os municípios apresentam incentivos pontuais, não há legislação específica, exceção feita a Jacareí.³⁹ Para este município a hipótese mais provável para a existência dessa legislação é que a sua maior proximidade com o município de São Paulo combinada com a menor tradição da cafeicultura tornavam a administração municipal mais aberta às ações de

³⁸ CANO, op.cit. pp. 23-31.

³⁹ Lei nº 31, 6/6/1908. O Município de Jacareí, 20/2/1909. p. 2. Arquivo Municipal da Prefeitura de Jacareí.

incentivo às atividades industriais contando a cidade com a pressão política de elementos oriundos das atividades urbanas.

Guaratinguetá concedeu terrenos e isenções à CFT Guaratinguetá⁴⁰ e São José dos Campos à Tecelagem Parahyba. O apoio do legislativo às instalações industriais era incondicional, sendo que às vezes o legislador nem sabia exatamente qual era o empreendimento, como no caso das concessões à fábrica de tecidos com fio sintético (rayon) em São José dos Campos, em que o legislador, ao defender o projeto de concessão, ressaltou os benefícios que traria à cidade, gerando empregos na cidade e no campo, utilizando matérias-primas produzidas no município.⁴¹

Uma homogeneidade na legislação dos vários municípios residia no fato de serem os incentivos aplicáveis à instalação de novas fábricas, não beneficiando as já existentes. As exceções foram a SA Jacarehy Industrial e a CFT Guaratinguetá, que obtiveram concessões adicionais depois de instaladas por influência política dos proprietários ou seus parentes que estavam ocupando os cargos de prefeitos nos seus municípios.

Problemáticos foram os suplementos de água e energia elétrica para as indústrias, o que levou às vezes as empresas a investimentos para a solução dos problemas.

O caso extremo foi o da construção de uma usina hidrelétrica própria pela Companhia Taubaté Industrial, com capacidade de 2.500kW, inaugurada em 1927. Era a segunda maior entre as 23 usinas hidrelétricas existentes na região em 1930, ficando atrás somente da Usina Isabel, da Companhia de Eletricidade São Paulo e Rio, em Pindamonhangaba, com potência de 4.500kW, que fornecia energia para Pindamonhangaba, Taubaté e Caçapava, inaugurada em 1911.

Como desdobramento do processo de industrialização têxtil, vimos surgir na região atividades industriais para o seu suprimento, como fábricas de componentes, oficinas de manutenção e modernização de máquinas e fornecedores de produtos químicos.

⁴⁰ Projeto de Lei nº 62. Ata Câmara Municipal de Guaratinguetá, 29/5/1913. Livro de atas 1913-1916. p. 7. Museu Frei Galvão.

⁴¹ Ata da Câmara Municipal de São José dos campos, 15/8/1927. CABRAL, Geraldo Moacyr Marcondes. *Resenha de Documentos do Arquivo municipal de São José dos Campos*. Câmara Municipal, 1981.

CONCLUSÃO

Vimos que a região do Vale do Paraíba Paulista vivenciou no período a decadência definitiva da atividade cafeeira. No entanto, essa decadência foi menos dramática do que se supunha, permitindo a dinamização de novas atividades econômicas, principalmente nos municípios onde a cultura atinge seu apogeu no último quartel do século XIX.

A evolução dos investimentos no setor têxtil foi uma consequência da combinação de vários fatores. Enquanto no âmbito regional os capitais acumulados procuravam novas atividades econômicas para a sua inversão, cresciam, a partir dos grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro, os investimentos na atividade industrial.

À medida em que houve a consolidação do desenvolvimento industrial da capital paulista, a região foi agregada à sua dinâmica, evoluindo no setor mais tradicional da indústria, o têxtil, enquanto a capital se desenvolvia em novos setores industriais.

Ao final do período a região possuía grandes unidades do setor têxtil, consolidadas e influentes na economia regional, somando parcela ponderável da produção da indústria têxtil nacional.

Quanto às origens dos capitais para as atividades industriais têxteis os capitais regionais ligados às atividades urbanas foram majoritários no início das atividades, sendo que, desde o início do século XX os capitais ligados aos grandes centros econômicos passaram a assumir o controle acionário de várias empresas, destacando-se os investimentos estrangeiros. O gerenciamento de produção das fábricas por imigrantes ou seus descendentes foi determinante para o seu desenvolvimento. Os industriais assumiram o lugar das antigas elites cafeeiras no plano econômico, político e social. Essa constatação é significativa, uma vez que a região é, no período, identificada na literatura de História Econômica Brasileira com a atividade cafeeira e sua decadência.

Sendo assim, concluímos que a atividade industrial têxtil no Vale do Paraíba Paulista desenvolveu-se, primeiramente pelas iniciativas de investidores locais, e, posteriormente pelo “transbordamento” da atividade industrial paulistana e, em menor proporção, pela carioca.

Quanto às condições de instalação das indústrias observamos que os incentivos fiscais e doações de áreas foram concedidos em todos os municípios, sendo que em Jacareí houve a elaboração de uma legislação mais abrangente. Acreditamos que isso ocorreu em função das elites urbanas terem assumido o controle político do município antes que os demais combinado com o fato da proximidade do município com o centro mais dinâmico, a cidade de São Paulo, e, como consequência desse dinamismo, da própria cidade ter se constituído no mais importante centro industrial regional, contando com a maior quantidade de indústrias têxteis.

Os meios de transporte e a disponibilidade de mão-de-obra foram aspectos que também favoreceram a atração de investimentos no setor têxtil. Entre as deficiências observou-se uma grande carência na oferta de energia elétrica.

A conclusão geral é a de que a indústria têxtil na região avançou, inicialmente dependente de iniciativas regionais, tanto nos setores urbanos como do setor agrícola, passando paulatinamente a tornar-se investimentos ligados ao desenvolvimento do setor industrial do país, notadamente a capital paulista, chegando ao final do período estudado como setor consolidado, com grandes unidades produtivas e diversidade de produtos, atraindo novas atividades industriais, sendo determinante das perspectivas de desenvolvimento regional, que passa a ter no setor industrial sua alternativa mais viável.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Mário. *São Luiz do Paraitinga (usos e Costumes)*. In: *Revista do Arquivo Municipal*, ano XV, vol CXXI, janeiro/1949, São Paulo.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. São Paulo, HUCITEC, 1990.

DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo, DIFEL, 1971. Primeira Parte - *Origens Econômicas e Sociais do Empresariado, 1880-1914*.

DELFIN NETTO, Antonio. *O Problema do Café no Brasil*. São Paulo, IPE/USP, 1961.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo Nacional, 1998.

GRAHAM, Richard. *Grã-Bretanha e o Início da Modernização no Brasil – 1850-1914*. São Paulo, Brasiliense, 1973.

HIRSCHMAN, Albert O. *Estratégia do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961. Capítulo 6-*Interdependência e Industrialização*.

LUZ, Nícia Vilela. *A Luta pela Industrialização no Brasil*. São Paulo, Alfa Omega, 1978.

MAIA, Thereza Regina de Camargo e FABIANO, Maria Isbella Maia. *Pedregulho – Notas para a sua História*. Guaratinguetá, Centro Social de Guaratinguetá, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Vale de Lágrimas: História da Pobreza em Taubaté*. Tese de livre-docência, São Paulo. FFLCH -USP. 1980.

MILLIET, Sergio. *Roteiro do Café e Outros Ensaios*. São Paulo, BIPA-Editores, 1946.

MÜLLER, Nice Lecocq. *O Fato Urbano na Bacia do Rio Paraíba-Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro, IBGE-Instituto Brasileiro de geografia, 1969.

MYRDAL, Gunnar. *Teoria Econômica e Regiões Subdesenvolvidas*. Rio de Janeiro, Saga. 1965.

PACHECO E CHAVES, Elias Antônio. Et Alli. *Relatório Apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da província de São Paulo*. São Paulo, Comissão Central de estatística, 1888.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Empresários, suas origens e as Interpretações do Brasil*. In: SZMRECSÁNYI, Tamás e MARANHÃO, Ricardo (org). *História de Empresas e Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, HUCITEC/FAPESP/ABPHE, 1996.

RIBEIRO, Maria Alice de Moraes. *Taubaté e a Alternativa Industrial: 1891-1933*. Dissertação de Mestrado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 1982.

RICCI, Fabio. *Energia Elétrica - Pequenas Concessões: Usina Felix Guisard - Um Estudo de Caso*. Dissertação de Mestrado em História Econômica, São Paulo, FFLCH/USP, 1996.

RICCI, Fabio. *Vilas Operárias de Taubaté: Contribuição ao estudo da Urbanização*. In: *Revista Ciências Humanas-UNITAU*, Taubaté, v.8, nº2, jul-dez/2002.

SAN-MARTIN, Paulo Guaycuru. *Companhia Taubaté Industrial. O Empresário, a Empresa e a Cidade*. Dissertação de Mestrado em Economia. Taubaté, UNITAU, 1990.

STEIN, Stanley J. *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil –1850-1950*. Rio de Janeiro, Campus, 1979.

SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento*. São Paulo, HUCITEC/UNICAMP, 2000.